



SEÇÃO: TEMÁTICA LIVRE

Uma *Literatura Viva* em reflexões metafísicas maldispostas: presença e crítica do Modernismo em “Cântico Negro” de José Régio e “Tabacaria” de Álvaro de Campos

a Living Literature in cantankerous metaphysical reflections: presence and critique of Modernism in “Cântico Negro” by José Régio and “Tabacaria” by Álvaro de Campos

Una Literatura Viva en reflexiones metafísicas maldispuestas: la presencia y crítica del Modernismo “Cântico Negro” de José Régio y “Tabacaria” de Álvaro de Campos

Jean Felipe de Assis¹

orcid.org/0000-0001-9292-9228
jeanfelipe@hcte.ufrj.br

Recebido em: 25 ago. 2020.

Aprovado em: 25 fev. 2021.

Publicado em: 11 jun. 2021.

Resumo: Nos desenvolvimentos intelectuais e culturais humanos, todas as propostas de ampla iconoclastia racional redundam em outras formas de sistematização, as quais necessariamente utilizam-se de crenças, dogmas, credos e ritos. Tais experiências são revividas nas leituras de “Cântico Negro” e de “Tabacaria”, em que a enunciação poética adentra as bases de sustentação da racionalidade e dos modos de expressão do conhecimento humano mediante as variadas formas tradicionais de sustentabilidade do entendimento. Em José Régio, as transformações na compreensão do real, a partir das experiências humanas particulares, integram classicismo e Modernismo em pujantes articulações na instauração de uma *Literatura Viva*; em Álvaro de Campos, discípulo de Alberto Caeiro, o contínuo *despertar de sonos dogmáticos* não propicia ao humano acordar de suas quimeras, mas insere-o em perenes ilusões criadas pelas articulações dos sentidos e do pensamento.

Palavras-chave: Cântico Negro. Tabacaria. José Régio. Álvaro de Campos. Metafísica.

Abstract: In human intellectual and cultural developments, all proposals for broad rational iconoclastic tendencies result in new systematizations, which necessarily rely on beliefs, dogmas, creeds and rites. These experiences are at the core of “Cântico Negro” and “Tabacaria”, in which the poetic enunciation pervades the intellectual foundations that sustain rationality as well as the diverse modes of expressions of human knowledge through the various traditional forms of understanding. In José Régio, the transformations on how literary critics and poets understand reality, starting within particular human experiences, integrating classicism and modernism, lead the author’s reflections to establish the idea of *Living Literature*. In Álvaro de Campos, Alberto Caeiro’s disciple, the continuous awakening of *dogmatic sleep* does not allow humans to rise up from their chimeras; rather, it inserts them in perennial illusions while articulating the senses and mind.

Keywords: Cântico Negro. Tabacaria. José Régio. Álvaro de Campos. Metaphysics.

Resumen: En los desarrollos intelectuales y culturales humanos, todas las propuestas de una amplia iconoclastia racional resultan otras formas de sistematización, las cuales necesariamente utilizan creencias, dogmas, credos y ritos. Estas experiencias están en el centro de “Cântico Negro” y “Tabacaria”, en que la enunciação poética impregna los fundamentos intelectuales que sustentan la racionalidad y los modos de expresión del conocimiento humano en diversas formas tradicionales de comprensión. En José Régio, algunas transformaciones sobre cómo los críticos literarios y los poetas entienden la realidad, a partir de experiencias humanas particulares, integrando clasicismo y Modernismo, llevan las reflexiones del autor para establecer la idea de *Literatura Viva*. En Álvaro de Campos, discípulo de Alberto



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Caeiro, el continuo despertar del sueño dogmático no permite que los humanos se levanten de sus quimeras; más bien, los inserta en ilusiones perennes mientras articula los sentidos y la mente.

Palabras clave: Cântico Negro. Tacabaria. José Régio. Álvaro de Campos. Metafísica.

Foi durante uma bela tarde de verão que o primeiro homem a tentar filosofar, entregue a um profundo e delicioso devaneio e guiado por aquele entusiasmo involuntário que transporta, às vezes, a alma para fora de sua morada e a faz, por assim dizer, abraçar todo o universo, ousou elevar suas reflexões até o santuário da Natureza e penetrar, pelo pensamento, tão longe quanto é permitido à sabedoria humana alcançar (ROUSSEAU, 2005, p. 85)².

Explicações Místicas – As Explicações místicas são creditadas por profundas; a verdade é que nem sequer são superficiais. (NIETSCHE, 2000, § 126, tradução nossa)³.

Analisar em conjunto os poemas selecionados de José Régio e Álvaro de Campos causa *maravilhamento*, espanto, perplexidades, alegrias e tristezas nos variados níveis da experiência mística propiciada pela literatura. De antemão, tais textos são *sempre relidos e nunca lidos*,⁴ assim também os conteúdos expostos em seus desenvolvimentos poéticos são sempre *repensados*. Nos desenvolvimentos intelectuais e culturais humanos, todas as propostas de ampla iconoclastia racional redundam em outras formas de sistematização, as quais necessariamente utilizam-se de crenças, dogmas, credos e ritos.⁵ Tais experiências são revividas nas leituras de “Cântico Negro” e de “Tabacaria”, em que a enunciação poética adentra as bases de sustentação da racionalidade e dos modos de expressão do conhecimento humano mediante as variadas formas

tradicionais de sustentabilidade do entendimento. Os dois poemas em destaque situam-se em correntes específicas do *Modernismo Português* no início do século XX,⁶ mesclando características individuais, culturais e históricas relevantes para suas respectivas contribuições no contexto da obra desses famosos autores.⁷

A literatura em sua vivacidade perpassa todos que dela partilham autenticamente, por estar tão profundamente em todos nós desvela nossas individualidades e as universalidades do humano. Ademais, a exemplo da contemplação nos moldes filosóficos antigos,⁸ somos transformados pelas letras, modificados pela poesia, transmutados pelas narrativas. Desse modo, os dois poemas em destaque enfatizam a alegria e o sofrimento dos artistas e dos críticos que vivem a partir das Artes, pois sem essas não há possibilidade de compreender a si, entender os meios de apreensão da vida e, por fim, viver adequadamente. As epígrafes de Jean-Jacques Rousseau e Friedrich Nietzsche dialogam com essa temática, ao enfatizarem tanto o entusiasmo para a compreensão da natureza que gradativamente eleva a reflexão humana quanto à crítica aos sistemas que desejam penetrar nos profundos alicerces da existência humana e sequer atingem a superficialidade da existência. Nesse contexto, a exemplo de alguns filósofos, por exemplo, Kant, Hegel e Heidegger, Pessoa e Régio ponderam sobre os limites do conhecimento, as bases de articulação da existência e as críticas à metafísica.

² Do original: Ce fut durant une belle nuit d'Été que le premier homme qui tenta de philosopher livre à une profonde et délicieuse rêverie et guidé par cet enthousiasme involontaire qui transporte quelquefois l'âme hors de sa demeure et lui fait pour ainsi dire embrasser tout l'univers, osa élever ses réflexions jusqu'au sanctuaire de la Nature et pénétrer par la pensée aussi loin qu'il est permis à la sagesse humaine d'atteindre. Jean-Jacques Rousseau, Fiction ou Morceau Allégorique sur la Révélation

³ Do original: Mystische Erklärungen. — Die mystischen Erklärungen gelten für tief, die Wahrheit ist, dass sie noch nicht einmal oberflächlich sind.

⁴ Famosa frase de Ítalo Calvino mediante a qual o autor descreve que a riqueza dos textos clássicos a perpassar a formação social, cultural e intelectual da humanidade. Assim, há um aparente contrassenso, visto que cada releitura aparenta-se uma experiência inicial e cada primeira leitura assemelha-se a ler algo já lido anteriormente (CALVINO, 2010, p. 26). Tais discussões ganham enormes repercussões nas discussões a respeito dos cânones literários e seus usos. (KOLBAS, 2001, p. 1-10). José Régio, conforme visto abaixo, destaca a importância dos textos clássicos para a afirmação artística do indivíduo e, portanto, da atualização dos Modernismos.

⁵ Dentre os variados modos de entendimento da Cultura e seus movimentos anticulturais, por integrações e diferenciações (BAUMAN, 2000, p. 43). Entre muitas analogias, a tapeçaria enfatiza conflitos, diálogos e debates (ROSMAN, 2009, p. 363-364).

⁶ O *Modernismo literário* português é reconhecidamente associado às revistas *Orpheu* e *Presença*, respectivamente *Orphismo* e *Presencismo*. Destacam-se os confrontos com o tradicionalismo e a busca por dialogar com as vanguardas europeias (MASSAUD, 1972, p. 289-290).

⁷ De fato, ambos os poemas “Cântico Negro” e “Tabacaria” são exemplos importantes do pensamento modernista de um poeta das fases comumente destacadas no Modernismo literário português.

⁸ A analogia da caverna platônica é um exemplo recorrente a reunir tais características (PLATÃO, 2014, § 517).

A Presença de uma *Literatura Viva*: considerações sobre o “Cântico Negro” de José Régio

Em seu ensaio crítico “*Literatura Viva*”, sentencia José Régio: “Em Arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima de uma personalidade artística” (RÉGIO, 1977c, p. 17). Pondera que a literatura de seu tempo possuía “dois vícios” que a impedem de ter uma característica viva, a “falta de originalidade” e a “falta de sinceridade”. Caberia ao crítico, nas palavras do intelectual português, distinguir hábeis simuladores dos criadores autênticos. Desse modo, considera que a “Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria”. Ao fim, afirma que os autos de Gil Vicente são “espantosamente vivos”, que os sonetos de “Camões são maravilhosos” e que um pequeno prefácio de Fernando Pessoa diz muito; em contrapartida as comédias de Sá de Miranda são entendidas como mortas, os sonetos de António Ferreira “são maçadores” e um grande artigo de Fidelino de Figueiro diz muito pouco (RÉGIO, 1977c, p. 20).

A arte encontra sua força⁹ vital nas fusões dos horizontes tradicionais e críticos, a partir dos quais heranças são transformadas de acordo com o lugar de vida e dos meios de atualização da comunicação. José Régio em *Classicismo e Modernismo* (RÉGIO, 1977c, p. 21-24), discute as diversas classificações e polissemias do termo *clássico* e a difícil precisão de superioridade de uma arte em particular (RÉGIO, 1977c, p. 21). Há um valor nos textos canônicos, destacando os de origem greco-romana e a literatura nacional. Todavia, sentencia que esses devem auxiliar o artista em seu processo e não eliminar sua individualidade, pois “o que importa é que um artista possua em si próprio, e por si próprio o seu classicismo”. Complementa ainda que existe uma “*conjugação harmoniosa*” de todas as faculda-

des criadoras (RÉGIO, 1977c, p. 21-22). Aceita-se o “*classicismo de todos os tempos*” como um motor a cultivar as faculdades criadoras e que possibilite o surgimento de uma obra forte e vigorosa. O clássico não pode se reduzir a uma doutrina, escola ou tendência, mas um motivo inspirador e harmonizador na realização da beleza (RÉGIO, 1977c, p. 22). Acredita haver, assim, uma “*compatibilidade do classicismo e do Modernismo*”, pois todos os grandes artistas são individualistas, ao seguirem obstinadamente suas particularidades, mas também universalistas, por iluminarem uma “*humanidade profunda e eterna*”. Desse modo, defende que a tendência modernista agrega os “*meios de expressão*” e de “*realização*” próprios sem uma escola de pensamento específica, visto que essas sistematizações, sínteses e manifestos geram exageros violentos e autoritários (RÉGIO, 1977c, p. 24).¹⁰

Em “Cântico Negro” (RÉGIO, 1985), enfatiza-se a rejeição dos modos tradicionais ou das tendências modernas que desejam reduzir a experiência viva da literatura a esquemas e confortos intelectuais. A rejeição desse caminho, considerado fácil, resulta em um gradual isolamento e na presença de variados obstáculos. As respostas recebidas são inadequadas, apesar de um convite insistente, a ponto desse soar como diretriz, prescrição e ordem. O eu-lírico propõe que a experiência *pessoal* e, portanto, *unicamente sua* do universo, seja a razão de seu existir. Requer-se, portanto, a criação de seus próprios caminhos mediante suas forças individuais.

A repetição da frase “*vem por aqui*” é importante para o desenvolvimento argumentativo do poema, sobretudo devido aos efeitos e às identificações do ato comunicativo entre o enunciador poético e aqueles que pretensamente o aconselham com essa expressão. Já de início, esses interlocutores, apenas inferidos e não especificados, são caracterizados pela doçura no olhar, a estender braços, acreditando fornecer segurança

⁹ De fato, conforme notado por um amigo, Gustavo Deister, as tentativas de uma estética não aristotélica, baseada na “força” e não na “beleza” compõem um passo nas avaliações críticas de Álvaro de Campos. Inspirado nas reverberações lógicas, epistemológicas e culturais das geometrias não-euclidianas, o pensador acredita que a ideia de “força” em arte seja “abstrata” e “científica” na promoção das atividades vitais por um sentido de energia que promova integração e desintegração, coesão e separação. O ideal grego de beleza, ao ser intelectualizado, perde o seu vigor e, portanto, sua força (CAMPOS, 1986, p. 240-246).

¹⁰ Essa constatação prematura sobre os desejos absolutistas das vanguardas tornar-se-ia ainda mais evidente no desenvolvimento intelectual do século XX, em que a pluralidade de concepções poéticas se tornou uma exigência intelectual (SISCAR, 2014, p. 421-443).

e garantia, visto que a obediência propiciaria os melhores caminhos.¹¹ Todavia, na primeira estrofe as características formais do poema reúnem repetições, aliterações, enumerações e antíteses desenvolvidas ao longo da enunciação do eu-lírico. Ao expressar novamente o convite, os verbos descrevem a resposta dada: para os olhos doces, um olhar lasso; para os braços abertos, um cruzar dos membros; para o convite, a negação de ir para onde o aconselham.¹² Desse modo, desde o início, o argumento poético distingue os aparentes bons acenos e as seduções dos que afirmam "*vem por aqui*", das respostas sugeridas pelo enunciador – esse que não apenas recusa o caminho sugerido, mas já demonstra cansaço, tédio e ironia. Pode-se inferir que há uma insistência dessa convocação, sobretudo pelo modo e pelo tempo verbal do indicativo, mas, também, pelo advérbio de conotação temporal, "nunca". Na terceira estrofe, consta que esses cordiais e afetuosos *convidantes* repetem suas frases, à medida que as negativas são apresentadas. Desse modo, o enunciador não apenas afirma sua posição, corroborada por seus desejos de criar "*desumanidades*" e não acompanhar ninguém, mas descreve sua preferência em não ir pelos trajetos indicados, mesmo diante dos possíveis obstáculos encontrados: lama, redemoinhos, limitações físicas.¹³

Apenas na última estrofe a frase "*vem por aqui*" retorna, agora em um sentido negativo, a recapitular todo o argumento poético. Se ela aparece inicialmente como uma constante solicitação feita por sujeitos indeterminados, passa a ser condicionada por conselhos e depois é apresentada como uma repetição a conduzir os passos daqueles que a ouvem. O poema conclui

"Ninguém me diga: 'vem por aqui!'", pois além de uma glória e de um desejo pessoal de criar seu próprio caminhar¹⁴, além de identificar uma razão de existência a desflorar o único do universo por si,¹⁵ há uma inadequação das respostas recebidas por seus interlocutores, por desejarem o "*fácil*" e por possuírem o "*velho sangue dos avós*".¹⁶ Dessa maneira, propõe-se um *alheamento* total de todas as assimilações possíveis, perpassando características físicas, sociais e intelectuais.¹⁷ Assim, entende-se o olhar lasso expresso no início desses versos, pois a insistência do convite não mascara a ineficiência do proposto.

Mediante diversas construções antitéticas, torna-se possível caminhar nas veredas das descrições dos *tradicionalistas*, vistos de maneira indistinta no poema, e do próprio eu-lírico, entendido como de impossível definição. Dentre as que aparecem com maior frequência há aquelas relacionadas com as analogias sustentadas pelo incessante convite e reunidas em *aceitar* ou *não aceitar*; em decorrência, há as variações nos escopos semânticos e aspectuais dos verbos *ir* e *vir*, de acordo com o ponto de vista do falante; com efeito, descrevem-se características, ações e respostas dos *convidantes* e do recalitrante convidado.

Assim, o conflito entre o sugerido por outros e o desejado por si é visto nas afirmações sobre os modos de viver e os motivos de existir que conduzem à conclusão de que as respostas dadas pelos *tradicionalistas* não fornecem os instrumentos necessários para as ambições do eu-lírico e suas esperanças. Por entre as oposições, mostra-se o desejo pessoal por afirmar a si a razão de existência, a inadequação das respostas, a decisão de isolar-se – além de re-

¹¹ "Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces / Estendendo-me os braços, e seguros / De que seria bom que eu os ouvisse / Quando me dizem: 'vem por aqui!'"

¹² "Eu olho-os com olhos lassos, / (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços) / E cruzo os braços, / E nunca vou por ali...". Deve-se destacar ainda a definição do adjetivo lasso, importante até mesmo pela explicitação feita pelo verso explicativo a respeito do olhar. De origem latina, do termo de segunda declinação *lassus*, trata-se de algo cansado, fatigado, não apenas física, mas mentalmente; também se refere a algo corrupto, não firme; frouxo; bastante usado (FARIA, 1962, p. 550).

¹³ "Prefiro escorregar nos becos lamacentos, / Redemoinhar aos ventos, / Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, / A ir por aí..."

¹⁴ "A minha glória é esta: / Criar desumanidades! / Não acompanhar ninguém"

¹⁵ "Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar florestas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!"

¹⁶ "Como, pois, sereis vós / Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem / Para eu derrubar os meus obstáculos?... / Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, / E vós amais o que é fácil!"

¹⁷ "Ide! Tendes estradas, / Tendes jardins, tendes canteiros, / Tendes pátria, tendes tetos, / E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios..." Deve-se estudar melhor a marca imperativa que o enunciador dirige aos que lhe aconselham. Dentre as variadas características semânticas no contexto de aplicabilidade da frase, afirma-se toda a bondade vista nas diversas constituições propostas pelos caminhos seguidos pela tradição não se aplica ao enunciador que a rejeita, também aos convites e aos modos de vida decorrentes.

afirmar a rejeição das propostas de conforto e de facilidade. Anuncia, em face dos pedidos de seguir um itinerário seguro, que não há de acompanhar ninguém, pois somente é guiado por seus próprios passos.¹⁸ Aprofunda: se o que é perguntado não pode ser respondido nas formas propostas, por que deveria preferir o suave caminhar e não os tortuosos caminhos?¹⁹

De um lado, o trajeto já percorrido; do outro, o motivo vivo de existência da arte, passear em terras inexploradas.²⁰ O passado e o próximo não fornecem impulsos e instrumentos adequados para obstáculos pessoais do enunciador poético que ambiciona ao futuro e ao longínquo.²¹ O processo civilizatório, atrelado irremediavelmente aos saberes colecionados nas variadas formas culturais, é rejeitado quando impossibilita o conhecimento de si e sua autoafirmação no mundo.²² O fruto desses avanços pretéritos é uma noite escura, a carecer do facho de luz, representado por esse cântico poético.²³ Assim, o poeta atribui-se uma característica profética, sem origem familiar definida, sem processos que marquem seu início ou seu fim.²⁴ Apresenta-se assim *tão particular e individualizado que é universal*.

Reflexões metafísicas e maldispostas: Outrem interior e Outrem exterior em "Tabacaria" de Álvaro de Campos

No poema "Tabacaria" de Álvaro de Campos (PESSOA, 1986, p. 296-300), inúmeras *personas de Fernando* reúnem-se em intensos diálogos con-

sigo e com a tradição do pensamento ocidental, em suas vertentes epistemológicas, metafísicas e sociais. Entre enumerações, aliteraões e mesclas dessas, as antinomias do pensamento recebem matéria e forma no desenvolvimento argumentativo do eu-lírico. Três quadras são destacadas, em uma estrutura poética intencionalmente não arquitetada por padrões tradicionais de métrica e rimas. Inicia-se com a polissemia do verbo "ser" e as possibilidades de atualização do sujeito pensante em face dos acontecimentos históricos,²⁵ considera, após tais reflexões, que o pensamento encontra e perde seu objeto de análise, gerando uma perplexidade perante os meios objetivos de apreensão dos fenômenos exteriores pelos sentidos e diante da sensação intelectual de que todas as coisas possuem uma realidade apenas subjetiva,²⁶ todavia, na última quadra destacada pelo poema, a realidade dos acontecimentos apresenta-se ao humano, mesmo diante de suas intenções racionais opostas, e sustenta uma ordenação plausível dos acontecimentos.²⁷ As mudanças nos modos verbais – identificação relacional no predicativo do sujeito, estado-permanência do sujeito e exposição de uma ação realizada – espelham as reflexões sobre os modos de constituição das coisas e as possibilidades de o humano apreender a realidade exterior.

Os modos pelos quais outros entendem Álvaro de Campos, como esse compreende suas heranças intelectuais de seu mestre Caetano e suas críticas ao *ortônimo* Pessoa, ajudam-nos a

¹⁸ Ao final da segunda estrofe, afirma-se que o conduzir da vida é parecido com o nascer, um processo natural sem uma ação proeminente da vontade: "Não acompanhar ninguém. / — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade / Com que rasguei o ventre à minha mãe" Cântico Negro. Já no início da estrofe seguinte, retoma-se a resposta negativa às investidas: "Não, não vou por aí! Só vou por onde/ Me levam meus próprios passos...".

¹⁹ "Se ao que busco saber nenhum de vós responde/ Por que me repetis: "vem por aqui!"/ Prefiro escorregar nos becos lamacentos, / Redemoinhar aos ventos, / Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, / A ir por aí...".

²⁰ "Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar florestas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada! / O mais que faço não vale nada".

²¹ "Como, pois, sereis vós / Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem / Para eu derrubar os meus obstáculos?... / Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, / E vós amais o que é fácil! / Eu amo o Longe e a Miragem, / Amo os abismos, as torrentes, os desertos...".

²² Destaca-se de todos os fatores enumerados na assertiva, metonímica e imperativa, direcionada aos indeterminados interlocutores: "Ide! Tendes estradas, / Tendes jardins, tendes canteiros, / Tendes pátria, tendes tetos, / E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...".

²³ Diante de todas as constituições históricas e sociais, apresenta-se vazio, a possuir somente o frenesi poético e sua mensagem: "Eu tenho a minha Loucura! / Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura, / E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...".

²⁴ "Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém! / Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; / Mas eu, que nunca principio nem acabo, / Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo".

²⁵ "Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo".

²⁶ "Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu. / Estou hoje dividido entre a lealdade que devo / À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, / E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro".

²⁷ "Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?), / E a realidade plausível cai de repente em cima de mim. / Semergo-me enérgico, convencido, humano, / E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário."

caminhar entre os argumentos expostos no poema "Tabacaria". Nos textos reunidos em *Os Outros Eus* (PESSOA, 1986, p. 79-214), além de expressar a *consciência* e a necessidade da pluralidade, a escrita é um meio pelo qual manifestam-se um sentir e um saber múltiplo para Fernando Pessoa.²⁸ Além de indicar sua diversidade característica, as análises propostas consideram algumas unidades temáticas, por exemplo, formas de paganismos,²⁹ crítica a textos e a personalidades de seus respectivos autores,³⁰ bem como caracterizações individuais dos heterônimos.³¹ De fato, diante do esquecimento da metafísica, ou dos sistemas de ordenação racional do cosmo, a gênese, a apresentação e a assertiva da pluralidade desvela a criação de mitos como um trabalho científico de maior grau que o humano possa desejar.³²

Álvaro de Campos insiste nos elementos míticos e espirituais das concepções de Caeiro, sobretudo em suas roupagens pós-metafísicas – em plena crítica aos desenvolvimentos racionais

modernos. Em Caeiro, por sua consubstanciação com o paganismo, a ideia de um *contato direto das coisas*, em analogia aos nominalistas medievais, causa uma diferenciação entre o *Ser* e o *ser pensado* e uma distinção entre o ser pensante e o que existe no exterior.³³ Alude-se, portanto, que sempre vemos algo pela primeira vez, pois até mesmo os mais básicos processos de abstração podem ser questionados.³⁴ No poema "Tabacaria" há esse mesmo pasmo, essa mesma perplexidade, esse mesmo espanto com o real, reações aprendidas nas esteiras dos ensinamentos de Caeiro. Ao ter em si *todos os sonhos do mundo*, e ainda não ser nada e sequer ter a possibilidade de querer ser nada, ao olhar para o exterior, por sua janela, defronta-se com o mistério de uma rua permeada por pessoas, mas impossível de ser alcançada por qualquer pensamento.³⁵ O que se apresenta aos sentidos é *real, impossível real; certo, desconhecidamente certo*. Depara-se com o mistério, nos níveis mais profundos e nas superfícies mais acessíveis.³⁶

²⁸ Ao discorrer sobre a consciência da pluralidade, assevera que a "sinceridade" da fala predispõe outras formas de pensar, outras crenças. Assim, entende-se que o pensar é feito em dramaticidade por personagens e personalidades vividas que auxiliam em sua *auto-compreensão*, mas também em meios de se sentir mais português e mais humano (PESSOA, 1986, p. 81-84).

²⁹ A instauração de um *neopaganismo português* perpassa o esboço de organização sistemática dos heterônimos. Assim, lucidez, sobriedade, concisão, retornos dos deuses e dos mitos, um reatar da tradição grega são elementos a constatar o esfacelamento das tradições religiosas, científicas e culturais ocidentais (PESSOA, 1986, p. 167-212). Desse modo, Caeiro é descrito em grande destaque, como um ponto norteador de toda a produção intelectual proposta, justamente por ser a encarnação do paganismo em si. Fernando Pessoa, preso a lógicas, ritos e buscas por comprovações, é "um *romulo embrulhado para o lado de dentro*"; O Ricardo Reis é visto pelas lentes de um paganismo artístico, intensificado e ortodoxo; por sua vez, Álvaro de Campos busca um sistema, baseado inteiramente nas sensações (PESSOA, 1986, p. 82-83). Nas palavras de Álvaro de Campos, as nuances de paganismo em Ricardo Reis são por caráter, em António Mora por inteligência e, em si, Álvaro Campos por revolta ou temperamento (PESSOA, 1986, p. 108).

³⁰ São comuns os diálogos textuais e as críticas abertas entre os heterônimos. Todavia, conforme alerta Massaud Moisés, flerta-se com *uma utópica totalidade*, visto existir um espelhar de Pessoa neles e uma reflexão imagética desses em Pessoa. Diz-nos: "Uma análise mais profunda dos heterônimos desvela, contudo, por baixo da camada dialética visível, inúmeras outras binomias ou virtualidades idênticas, como se cada heterônimo reproduzisse em si o mecanismo de multiplicação que Pessoa pôs em funcionamento ao gerar Alberto Caeiro e os outros" (MASSAUD, 2015, p. 83).

³¹ Famosas são as descrições espalhadas por todas as obras desses poetas, suas minuciosas notas, a criação de seus dados biográficos e as caracterizações individuais (PESSOA, 1986, p. 13-164).

³² No contexto da gênese e justificativa da heteronímia, Pessoa assevera: "Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade". As características totalizadoras dos sistemas filosóficos, seja na afirmação de uma realidade, sua negação ou seus meios de apreensão não estão nos intentos gerais da produção poética do autor: "A confecção destas obras não manifesta um qualquer estado de opinião metafísica. Quero dizer: com o escrever estes «aspectos» da realidade, totalizados em pessoas que os tivessem, não pretendo uma filosofia que insinue que só há de real o haver aspectos de uma realidade ou elusiva, ou inexistente. Não tenho, nem essa crença filosófica, nem a crença filosófica contrária". Dedicar-se, portanto, ao labor literário com tal intensidade e intento a ponto do questionamento metafísico não existir em sua atividade, em analogia ao cientista e clínico de diagnóstico: "Adentro do meu mestre, que é literário, sou um profissional, no sentido superior que o termo tem; isto é, sou um trabalhador científico, que a si não permite que tenha opiniões estranhas à especialização literária, a que se entrega" (PESSOA, 1986, p. 84).

³³ São descrições feitas por Álvaro de Campos de seus encontros com o mestre Caeiro, essas prerrogativas são expressas em diversos momentos. Ao serem apresentadas, Caeiro enuncia "tudo é diferente de nós, por isso que tudo existe", quase como se fosse um axioma da terra (PESSOA, 1986, p. 107-108). Conforme as críticas ao pensamento filosófico totalizante pelas abstrações racionais nos textos de Caeiro, o pensar é um sono de tédio perante o real.

³⁴ Ao tentar reduzir as propostas de Caeiro na perspectiva materialista histórica, excetuando a poesia, recebe como resposta: "Mas isso a que V. chama poesia é que é tudo. Nem é poesia: é ver. Essa gente materialista é cega" (PESSOA, 1986, p. 109). Questiona, assim, a ideia de um espaço infinito, tema recorrente desde o pensamento helênico, a partir da ideia de limites para a existência concreta das coisas. De fato, refere-se não à argumentação de um homem, mas "*outro universo*", um paganismo recriado.

³⁵ "Janelas do meu quarto, / Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é / (E se soubessem quem é, o que saberiam?), / Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente, / Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,"

³⁶ Diz-nos: "Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres, / Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens, / Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada".

Entre os *ensinamentos do mestre Caeiro* destacam-se ainda clareza, equilíbrio, organismo no delírio e no desvairamento – características evidenciadas no desenvolvimento argumentativo do poema estudado. Campos também considera que a ausência de filosofia e uma relação de alma são heranças de seu predecessor.³⁷ Em *Considerações sobre Estética e Ética* (PESSOA, 1986, p. 154-157), Álvaro de Campos critica o ortônimo Pessoa por “*julgar que as coisas se provam*”. Evidencia, assim, o avanço sistemático das propostas de Caeiro, ao defender que o raciocínio é uma timidez pela vergonha do silêncio e uma hipocrisia por nada haver a afirmar.³⁸ Desse modo, rejeita um ideal estético, diante de uma impossibilidade de fórmulas que abarquem o real, como a Beleza e a Moral. Ao buscar equilíbrio diante das forças do mundo, o engenheiro naval considera que a Beleza seja um corolário dos modos de orientação humana pela sensibilidade. Ao seguir os passos tradicionais, portanto, *viver, estudar, amar e até crer*, o eu-lírico constata: “fiz de mim o que não soube / e o que podia fazer de mim não o fiz”. Forjou para si uma série de máscaras que encobriam sua verdadeira face; contudo, quando ousou ver-se no espelho já estava envelhecido. Os ideais projetados, frutos de pensamentos tóxicos e de uma intelectualidade nociva, assemelham a existência humana a um lagarto com seu rabo cortado.³⁹ Todos os consolos intelectuais são crenças humanas que embaçam a visão, pois não existem e não podem ser facilmente concebidos, ao passo que tornam o visível alheio e o nítido degredado (PESSOA, 1986, p. 163).

As reflexões de Álvaro de Campos possuem diretrizes intelectuais para uma leitura crítica de “*Tabacaria*” como uma decorrência das premis-

sas de Caeiro (PESSOA, 1986, p. 163). Com sua publicação inicial na revista *Presença*, e associado por alguns ao *Livro do Desassossego*, essas notas distinguem a experiência humana, em sua totalidade, daquilo que pode ser apreendido pela inteligência e, posteriormente, transmitido. Considera-se que toda emoção verdadeira é uma mentira da inteligência, pois não pode ser apreendida e redundante em uma expressão falsa. Nesse sentido, exprimir-se é falar aquilo que não se sente de fato e, portanto, uma falsidade nutrida pela inteligência.⁴⁰ Desse modo, uma época não transmite as emoções, apenas as reflexões feitas a respeito dessas. Ora, pelas emoções os humanos são e pela inteligência tornam-se alheios de si. Conclui que a “*inteligência dispersa-nos*” e é por meio dessa dispersão que sobrevivemos. Transmite-se sempre “*apenas aquilo que não foi*”.⁴¹ Sentencia, assim, que o viver e o morrer são as mesmas coisas, pois geram pertencimentos a outrem. Distinguem-se, entre o viver a se relacionar com o exterior e o morrer ao interior. Assim, por ser exterior à morte, a vida possui algo de mais verdadeiro pela possibilidade de uma visão do externo.⁴² Ora, diferente dos sistemas de pensamento que almejam a meios seguros para a obtenção do saber, Álvaro de Campos afirma que “*fingir é conhecer-se*”; e, nesse sentido, se pelos lugares faz-se a localidade e pelos cavalos a cavalaria, rompem-se as distinções entre ser e estar, mas essas nuances são vistas como logicamente equivalentes (PESSOA, 1986, p. 163). O parêntese poético sobre a pequena a comer chocolates ilustra a traição da inteligência e a contiguidade dos elementos materiais para a sustentação da experiência.⁴³ O pensamento, a doença e o sono

³⁷ “O que o mestre Caeiro me ensinou foi a ter clareza; equilíbrio, organismo no delírio e no desvairamento, e também me ensinou a não procurar ter filosofia nenhuma, mas com alma.” (PESSOA, 1986, p. 153).

³⁸ “Nada se prova, hipocrisia de não afirmar”; “Raciocínio é uma timidez”; “Duas timidez talvez, sendo a segunda a de ter vergonha de estar calado”.

³⁹ “Talvez tenham existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo / E que é rabo para quem do lagarto remexidamente”.

⁴⁰ “Toda a emoção verdadeira é mentira na inteligência, pois se não dá nela. Toda a emoção verdadeira tem portanto uma expressão falsa. Exprimir-se é dizer o que se não sente” (PESSOA, 1986, p. 163).

⁴¹ “Nenhuma época transmite a outra a sua sensibilidade; transmite-lhe apenas a inteligência que teve dessa sensibilidade. Pela emoção somos nós; pela inteligência somos alheios. A inteligência dispersa-nos; por isso é através do que nos dispersa que nos sobrevivemos. Cada época entrega às seguintes apenas aquilo que não foi” (PESSOA, 1986, p. 163).

⁴² “Viver é pertencer a outrem. Morrer é pertencer a outrem. Viver e morrer são a mesma coisa. Mas viver é pertencer a outrem de fora, e morrer é pertencer a outrem de dentro. As duas coisas assemelham-se, mas a vida é o lado de fora da morte. Por isso a vida é a vida e a morte a morte, pois o lado de fora é sempre mais verdadeiro que o lado de dentro, tanto que é o lado de fora que se vê” (PESSOA, 1986, p. 163).

⁴³ “Come chocolates, pequena; / Come chocolates! / Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria. / Come, pequena suja, come! / Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes! / Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho, / Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida”.

da alma para Caeiro impedem que o adulto tenha as mesmas reações do que a infante diante de sua guloseima. Toda a metafísica reduz-se aos chocolates, às religiões, às confeitarias. Contudo, ainda assim, apenas a *pequena suja* usufrui, visto que, a exemplo do que fez com sua vida, o eu-lírico perde o vigor ao refletir sobre si, o mundo e as coisas. A corrupção do viver genuíno pela inteligência das emoções perpassa as linhas de "Tabacaria". Sair da janela, metonímia para o contato com o exterior, para internalizar-se em pensamentos não gera frutos prodigiosos, visto que há muitos enganos,⁴⁴ como por exemplo, imagem de si construída por desejos irrealizáveis, sonhos impossíveis de serem obtidos, hipotéticas humanidades não concretizadas, filosofias jamais escritas.⁴⁵ O mundo é conquistado pela ação e não pelos pensamentos.⁴⁶ Ao ser pensado, torna-se o mundo *opaco, alheio*: afirma-se a perenidade do mistério das coisas.

Os esboços de "Tabacaria", em páginas de *Auto-Interpretação*, fornecem-nos indícios críticos importantes na avaliação do poema. Observa-se claramente o delinear temático, embora esse esteja associado a um Naturalismo sem esperança, em que o humano deva buscar conforto *em suas ilusões da realidade e na realidade de suas ilusões*.⁴⁷ As criações humanas são efêmeras e perecem, apenas o mistério permanece em governos, batalhas, edifícios, crenças, ciências e religiões.⁴⁸ Resta-nos uma obediência passiva, embora tão escrava quanto qualquer revolta, ela permite-nos uma melhor adequação à "*exterioridade absoluta de nossa vida serva*". De fato, encontra-se "*vencido*", "*perplexo*", "*dividido*" entre

o interior e o exterior devido à lealdade "À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, / E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro". A inteligência dispersa a unidade entre o interior e o exterior, estilhaça a harmonia entre o pensado e o sustentado pela experiência. A realidade plausível, vislumbrada ao observar o exterior, desencadeia uma energia a superar o torpor das antinomias vivenciadas e irrompe a conclusão de que "a metafísica é uma consequência de estar maldisposto". Há a intenção de escrever esses mesmos versos que são lidos, mas eles dirão o contrário que se deseja.⁴⁹ portanto, o poeta apega-se, a exemplo da menina a comer chocolates, a um meio físico. Todavia, entende o seu cigarro não como uma atualização metafísica, mas como a libertação de seus pensamentos.⁵⁰ Desse modo, ao voltar-se para o interior da casa, analogia para outrem no interior de si, afasta todas as especulações; ao regressar para o outrem exterior, faz contato com o conhecido *Esteves sem metafísica* a sair da Tabacaria e reconstrói-se o universo, "*sem ideal nem esperança*". Observa-se, portanto, a passividade humana perante os acontecimentos e as adequações da realidade e das ilusões sem qualquer esperança de uma explicação definitiva do mistério das coisas.

Prolegômenos inconclusivos da razão: *Impossivelmente real e desconhecidamente certa realidade*

Ao tentar elencar algumas características modernistas portuguesas no âmbito da criação literária de seu tempo, José Régio discute os trabalhos

⁴⁴ Sentencia o poema: "Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? / Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa! / E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!"

⁴⁵ "Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez. / Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo, / Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu."

⁴⁶ "O mundo é para quem nasce para o conquistar / E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão".

⁴⁷ Afirma-se: "O homem, bobo da sua aspiração, sombra chinesa da sua ânsia inútil, segue, revoltado e ignóbil, servo das mesmas leis químicas, no rodar imperturbável da Terra, implacavelmente em torno a um astro amarelo, sem esperança, sem sossego [?], sem outro conforto que o abafo das suas ilusões da realidade e a realidade das suas ilusões" (PESSOA, 1986, p. 162).

⁴⁸ "Governa estados, institui leis, levanta guerras; deixa de si memórias de batalhas, versos, estátuas e edifícios. A Terra esfriará sem que isso valha. Estranho a isso, estranho [?] desde a nascença, o sol um dia, se alumiou, deixará de alumiar; se deu vida, dará a si a morte" (PESSOA, 1986, p. 162).

⁴⁹ "Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?), / E a realidade plausível cai de repente em cima de mim. / Semiergo-me enérgico, convencido, humano, / E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário".

⁵⁰ "Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los / E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos. / Sigo o fumo como uma rota própria, / E gozo, num momento sensitivo e competente, / A libertação de todas as especulações / E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto. // Depois deito-me para trás na cadeira / E continuo fumando. / Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando".

de Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros. Embora considere ser apenas um olhar provisório, i.e., sem o intuito de "ser definitivo", salienta três tendências: *multiplicidade de personalidade; relação entre o subconsciente e o domínio da intelectualidade; expressões paradoxais das emoções e dos sentimentos* (RÉGIO, 1977b, p. 25-30). Tais características tangenciam os três pilares básicos da lógica clássica, respectivamente, os princípios da identidade, do terceiro excluído e da não-contradição. Desse modo, o crítico do Modernismo literário português, em especial os autores decorrentes do *Orphismo*, sopesa a respeito das transformações nas compreensões a respeito do real a partir das experiências humanas particulares, as quais integram *classicismo* e *Modernismo* em pujantes articulações na instauração de uma *Literatura Viva*.

De fato, visto por sua "*originalidade autêntica*", a qual em muitos momentos beira ao ofensivo perante tantos rebuscamentos e arremedos, José Régio destaca-se também por sua autonomia e por sua independência intelectual (LISBOA, 1976, p. 249). Diante de variados gêneros e do trabalho crítico desse autor, Eugénio Lisboa discute a possibilidade interpretativa de uma grande confissão realizada pela escrita. Destaca-se a fragilidade humana, sua finitude, o *pathos* e a patologia da palavra. O humano permeia e perpassa o artista, condição sem a qual um grito autêntico conseguiria ser perpetrado:

Quase toda a obra de José Régio é, como já sugerimos, uma confissão interminável, patética, eloquente, sonora, gesticulante, esfomeada de compreensão e cortada de perplexidades e ironias calcinantes. Apesar do seu "*métier*", nela é sobretudo o homem e não o literato que, ao primeiro e mesmo ao segundo contacto, se nos impõe (LISBOA, 1976, p. 195).

O contínuo *despertar de sonos dogmáticos* não propicia ao humano acordar de suas quimeras, mas insere-o em perenes ilusões criadas pelas articulações dos sentidos e do pensamento. Sem esboçar as gêneses dos heterônimos de Fernando Pessoa, seus diálogos e divergências

propiciam uma unidade temática relevante para o contexto do Modernismo português, em especial pelas bases de sustentação dos argumentos de Álvaro de Campos em "Tabacaria". Nas palavras de Ludwig Wittgenstein, a razão humana utiliza-se de atalhos em suas expressões e, ainda que tenhamos o real diante de nós, temos nossa via impedida de o acessar (WITTGENSTEIN, 2008, § 426). Propondo uma radicalização sistemática da mística pagã de Caeiro, Álvaro de Campos defende que o pensar estabelece uma distinção entre o interior e o exterior do humano, impedindo-o de vivenciar todas as suas possibilidades e de exprimir verdadeiramente suas emoções. O humano está fadado a ser *nada*, uma *desatualização* do que poderia ter sido.

Se toda a obra de José Régio é uma confissão biográfica-literária a integrar elementos clássicos e modernos, o projeto inacabado – não atualizado de Fernando Pessoa – cumpre uma tarefa similar na instauração de um paganismo intelectual. Cotejando as epígrafes selecionadas para esse ensaio, a mística literária efetiva-se no *ato de escrita* e no *ato de leitura*, os quais sequer podem ser consideradas superficiais. A exemplo da pequena *menina suja* a comer chocolates e o eu-lírico de "Tabacaria" a fumar, a escrita e a leitura também propiciam momentos catárticos de abandono dos tipos de racionalidade que nos mascaram e que nos impedem de ver nossos próprios rostos. Todos os sistemas intelectuais que desejam tratar de algo profundíssimo, sequer arranham a superfície de nossas existências. *Aprofundando* as linhas mestras de Caeiro, Álvaro de Campos pondera a respeito do mistério indecifrável.

Há, portanto, aquilo que não se pode falar, o qual Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus* associa ao místico, que requer nada mais dizer além do passível em nossa racionalidade (WITTGENSTEIN, 1922, §6.52; § 6.53).⁵¹ Embora o pensador austriaco pondere que devamos aceitar e nos acostumar com as limitações humanas (WITTGENSTEIN, 1972, § 343),⁵² em seus múltiplos *jogos de linguagem*, o humano insiste em

⁵¹ "Es gibt allerdings Unausprechliches. Dies zeigt sich, es ist das Mystische" e "Nichts zu sagen, als was sich sagen lässt".

⁵² A respeito da aceitação dos limites racionais: "Es ist aber damit nicht so, daß wir eben nicht alles untersuchen können: und uns daher notgedrungen mit der Annahme zufriedenstellen müssen".

explorar *areias inexploradas e deflorar florestas virgens*. Do mesmo modo que o primeiro varão a filosofar, descrito na epígrafe de Rousseau, somos levados a criar nossos próprios devaneios profundos, a sairmos de nós mesmos, de nossos livros, de nossas salas; a depararmos-nos com o mistério das coisas e o mistério nas coisas. Em um entusiasmo, inspiração mística além de nossa compreensão, transpomos os limites de nossa subjetividade e os umbrais de nossas residências, confrontamos-nos com a "Tabacaria" defronte de nós: *tão real, impossivelmente real, tão certa, desconhecidamente certa* quanto a natureza que insistimos em palmilhar sem nunca adentrarmos o profundo de sua superfície.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Culture as praxis**. London: Routledge & Kegan Paul, 2000.
- CALVINO, Italo. **Perché Leggere i Classici**. Milano: Mondadori, 2010.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino-Português**. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino, 1962.
- KOLBAS, Dean. **Critical Theory and the Literary Canon**. Oxford: Westview Press, 2001.
- LISBOA, Eugenio. **José Régio: a Obra e o homem**. Lisboa: Editora Arcádia, 1976.
- MASSAUD, Moisés. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo, Editora Cultrix, 1972.
- MASSAUD, Moisés. **Fernando Pessoa: O espelho e a Esfinge**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Die Fröhliche Wissenschaft**. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2013.
- PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- PLATÃO. **República**. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2014.
- RÉGIO, José. **Antologia**: Seleção e Organização de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- RÉGIO, José. Classicismo e Modernismo. In: **Páginas de doutrina e Crítica da "presença"**. Obras Completas. Porto: Brasília Editora, 1977, p. 21-24.
- RÉGIO, José. Da Geração Modernista. In: **Páginas de doutrina e Crítica da "presença"**. Obras Completas. Porto: Brasília Editora, 1977. p. 25-30.
- RÉGIO, José. Literatura Viva. In: **Páginas de doutrina e Crítica da "presença"**. Obras Completas. Porto: Brasília Editora, 1977. p. 17-20.
- ROSMAN, Abraham et al. **The Tapestry of Culture: An Introduction to Cultural Anthropology**. Lanham: Altamira: Press, 2009.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ouvres complètes IV**. Paris: Gallimard, 1969.
- SISCAR, Marcos. O Tombeau das Vanguardas: A "Pluralização das Poéticas Possíveis" como Paradigma Crítico Contemporâneo. Rio de Janeiro: **ALEA** v.16, n. 2, p. 421-443, 2014.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **O livro Azul**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Kegan Paul, 1922.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Über Gewissheit**. New York: Harper Torchbook, 1972.

Jean Felipe de Assis

Doutor em Filosofia e História das Ciências (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Jean Felipe de Assis
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rua Santa Alexandrina, 288
Rio Comprido, 20261-232
Rio de Janeiro, RJ, Brasil